

## REFLEXÕES FENOMENOLÓGICAS EM TEMPOS DE CORONAVÍRUS: ENTRE ESPAÇOS, LUGARES E “PAISAGENS DO MEDO”

Larissa Lima de Souza<sup>1</sup>  
Colégio Pedro II  
Universidade Federal do Rio de Janeiro  
[larissalimageo@ufrj.br](mailto:larissalimageo@ufrj.br)

---

### RESUMO:

Este trabalho apresenta algumas reflexões e inquietações forjadas pela própria experiência espacial da autora no contexto da pandemia de COVID-19. A partir do aporte de geógrafas e geógrafos humanistas dedicados a compreender os espaços, os lugares e as paisagens através de seus simbolismos, sobretudo pelo viés fenomenológico, a autora pondera sobre as possíveis ressignificações de determinadas espacialidades durante e após o isolamento social.

Palavras-chave: Topofilia; Topofobia; COVID-19.

---

### INTRODUÇÃO

Há um mês e meio em isolamento social voluntário no Brasil, fomos atravessados por inúmeros vídeos e fotografias feitos durante a pandemia de COVID-19 em distintas cidades e países, compartilhados por meios de comunicação mais tradicionais e/ou pelas redes sociais: imagens sobre o confinamento; manifestações pela reabertura do comércio; famílias sepultando entes queridos etc. Temos acesso, diariamente, a tabelas e gráficos comparativos do número de testes realizados, de casos confirmados e de mortes de pessoas em cidades e países que vivem a pandemia em diferentes temporalidades. As previsões estatísticas diante dos números oficiais, além da sabida subnotificação, revelam a magnitude da situação em que nos encontramos.

É inegável que a enxurrada de registros audiovisuais e das projeções de crescimento e posterior queda da curva de contágio já está causando forte impacto - não somente econômico e político, mas também simbólico-cultural. E é em relação a este último aspecto que gostaria de fazer algumas reflexões como geógrafa em isolamento. Afinal, como afirmou Cosgrove

---

<sup>1</sup> Professora de Geografia no Colégio Pedro II – RJ e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)



(2012), “a geografia está em toda parte”, o que torna bastante difícil não olharmos o mundo a partir de nossa formação como geógrafos, mesmo fora de nossos espaços e horários de trabalho.

Dentre algumas mudanças de caráter espacial promovidas pela rápida expansão do novo coronavírus, podemos citar algumas, como: fechamento de fronteiras marítimas e terrestres; suspensão de fluxos migratórios internacionais por via aérea; isolamento social; recomendação de permanência em nossas residências como forma de contenção da pandemia; esvaziamento de centros urbanos, incluindo cidades globais; sobrecarga de hospitais e cemitérios. A pandemia do COVID-19 também nos trouxe a necessidade de utilização do espaço virtual para encontros que antes ocorriam na materialidade de outros espaços, sejam para fins de lazer ou trabalho.

Diante desse quadro, indagamos: como a pandemia de COVID-19 pode alterar nossas sociabilidades e relações afetivas em/com determinados espaços, lugares e paisagens? Proponho, então, uma reflexão sobre a experiência espacial no contexto atual a partir das contribuições da Geografia Humanista. Todas essas mudanças espaciais observadas nos últimos 45 dias podem nos remeter aos conceitos de *espaço* e *lugar*.<sup>2</sup>

## SUBJETIVIDADE E EXPERIÊNCIA ESPACIAL EM TEMPOS PANDÊMICOS

É a partir da atribuição de significado, individual ou coletiva, que um espaço se torna um *lugar* (TUAN, 2011); mas não necessariamente essa significação será positiva (OLIVEIRA, 2012). Devemos lembrar que cada indivíduo experimentar a espacialidade a seu modo, pois sua relação com o espaço é mediada, entre outros aspectos, pelo afeto. Dessa maneira, um grupo pode vivenciar determinado espaço, mas apenas alguns de seus integrantes se vincularem intimamente com o mesmo, fazendo dele seu lugar, seja negativamente ou no sentido de *lar*.

A partir do pensamento de Tuan (2011), Mello (2000; 2011), Relph (2012) e Oliveira (2012), trabalharemos com o conceito de *lugar* entendendo-o como uma porção do espaço com a qual se constrói uma relação de afeição ou rejeição a partir da *experiência*, podendo esta ser direta ou indireta (relatos, filmes, músicas etc.). A ideia de *lar* também está fortemente vinculada ao sentimento de *topofilia*, apego ao lugar, mesmo que não se restrinja às barreiras físicas de uma residência e se expanda para as ruas (TUAN, 2012). Por outro lado, o desprezo e a rejeição, por determinado lugar são denominados por Tuan como *topofobia*.

---

<sup>2</sup> Agradeço ao colega Eduardo Vieira de Mello pela escuta, pela troca e pelo incentivo à escrita deste ensaio.



Já o conceito de *espaço*, na perspectiva de humanista, “implica em aventura, novas experiências, mas também em riscos” (TUAN, 2013, p.5), sendo vinculado a ideias como desconhecimento/estranheza, rejeição, desesperanças e escuridão (MELLO, 2000, 2011).

Se considerarmos o fato de que *lugar* e *sentido de lugar* não são constantes (RELPH, 2012), ou seja, que o grau de vínculo ou rejeição a determinado espaço geográfico pode ser alterado a depender das circunstâncias, proponho que examinemos a dinâmica espaço-lugar no contexto da pandemia de COVID-19, especialmente pensando na espacialidade da *residência/casa* e da *rua* (termo usado genericamente, em oposição ao espaço residencial).

A residência pode ser compreendida como o *lar*, quando nos despertando a sensação de aconchego, abrigo, proteção, acolhimento. Como medida de contenção da pandemia, pessoas de classes mais privilegiadas passaram a usar suas casas como *home office*, ampliando o que Castells (1999, p.423, citado por MELLO, 2012) denominou “*centralidade da casa*” no sentido de ser este um espaço de “desenvolvimento das mais diversas atividades no próprio endereço domiciliar” (MELLO, 2012, p.38). No entanto, para muitas pessoas em isolamento, a permanência na casa pode representar perigo durante a pandemia de COVID-19, seja pela violência doméstica (estupros, feminicídios), pelo desconforto da sensação de confinamento, pelas incertezas quanto ao futuro ou pela dificuldade de controlar a situação vivenciada.

Nesse sentido, concordamos com Yi-Fu Tuan (2013) e Jean Brum (2017) quando afirmam que, justamente por ser conhecido intimamente, o lugar pode se tornar entediante, despertando o desejo de escape, de busca por aventura; ao mesmo tempo, a falta de estímulos pode propiciar momentos de reflexão. Além disso, Brum (2017) também alerta para o fato de que “os lugares são, também, foco de tensões diárias, de lutas, de desavenças” (BRUM, 2017, p.106), não devendo ser compreendidos apenas como espaços vinculados a aspectos positivos.

Já a rua, geralmente vivenciada como *lugar* do encontro, da festa, do lazer, das trocas (comerciais, afetivas), em contexto de COVID-19 tem seus significados disputados e pode representar o risco de contágio, um *espaço* que desperta medo em muitos indivíduos, levando a seu esvaziamento; tal condição é ampliada pela medida de promoção à Saúde adotada em nível de política estadual de fechamento dos espaços de consumo e lazer que permitem a reunião de pessoas. Outros espaços têm despertado nossa *topofobia* nesses tempos pandêmicos, como os supermercados, os hospitais e os cemitérios; estes dois últimos, infelizmente, sofrendo diariamente com a superlotação e configurando verdadeiras *paisagens do medo* (TUAN, 2005)

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZE A REFERÊNCIA A SEGUIR:

SOUZA, Larissa Lima de. Reflexões fenomenológicas em tempos de coronavírus: entre espaços, lugares e “paisagens do medo”. In: **Revista Ensaio de Geografia**, Niterói, vol. 5, n° 9, p. 94-99, maio de 2020

Submissão em: 30/04/2020. Aceito em: 23/05/2020

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ – Brasil



- aquelas que nos remetem ao sentimento de *medo* (por um risco real, ou não) ou à sensação de *ansiedade* devido à perda de controle de determinada ordem das coisas (TUAN, 2005).

Na realidade, esses espaços (a residência/casa e a rua) combinam tal dualidade em termos de significados no contexto desta pandemia que vivenciamos. Cada pessoa vai experimentar tais espaços de um modo particular (OLIVEIRA, 2012). A casa pode parecer menos segura do que a rua para uma mulher que sofre violência doméstica. Ao mesmo tempo, a rua pode parecer mais acolhedora para quem está em estado de negação do problema que é a COVID-19, ou para quem a rua representa a possibilidade de suprir suas necessidades através do comércio e de atividades culturais, por exemplo.

Como demonstra Brum (2017), os deslocamentos também podem propiciar a atribuição de *sentidos de lugar* a determinados espaços percorridos em nosso cotidiano, tornando a *mobilidade* parte da experiência geográfica dos indivíduos na contemporaneidade, dotando-os de simbolismo e sendo fundamental para a “compreensão do envolvimento cotidiano das pessoas com os lugares e na experiência de mundo vivido” (BRUM, 2017, p.109). Além da mobilidade, a *reunião* – a capacidade de agregar pessoas e significações – é um dos *aspectos do lugar* (RELPH, 2012). Nesse sentido, podemos afirmar que a pandemia do novo coronavírus fez com que a rua perdesse, temporariamente, um pouco de seu *sentido de lugar* para as pessoas que cumprem à risca o isolamento. Digo “pouco”, pois ainda podemos nos apropriar das ruas através da memória afetiva e da imaginação esperançosa por dias melhores.

### ALGUMAS REFLEXÕES...

Se nos projetarmos ao futuro, é possível que as espacialidades pós-pandemia sejam diferentes das atuais. Daí, surgem alguns questionamentos: Se as ruas e demais espaços de lazer perderam momentaneamente seu potencial de *reunião* (RELPH, 2012), poderíamos afirmar que o espaço virtual da internet pode ter ampliado, então, seu *sentido de lugar*? Haverá uma acentuação do papel da *reunião* e da *mobilidade* na atribuição de *sentido de lugar* a nossos espaços vividos? Ou a experiência de isolamento social reforçará o *sentido de lugar* de nossas casas, levando-nos a uma *claustrofilia* (MELLO, 2012)?

É provável que o contexto da COVID-19 tenha alterado o *mundo vivido* (BUTTNER, 1985) e a relação afetiva de muitas pessoas com determinados espaços e lugares. Dessa forma,

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZE A REFERÊNCIA A SEGUIR:

SOUZA, Larissa Lima de. Reflexões fenomenológicas em tempos de coronavírus: entre espaços, lugares e “paisagens do medo”. In: **Revista Ensaio de Geografia**, Niterói, vol. 5, n° 9, p. 94-99, maio de 2020

Submissão em: 30/04/2020. Aceito em: 23/05/2020

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ – Brasil



talvez alguns espaços que eram topofílicos tenham se tornado topofóbicos, evidenciando como a subjetividade nas/das relações humanas é fundamental para compreendermos geograficamente o mundo.

Que possamos, ao fim desta pandemia, continuar nos reunindo e construindo nossos lugares nesse mundo, rompendo o isolamento e o medo do encontro!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUM, J.L. Por uma interpretação humanista da relação entre lugar e mobilidade. **Geosp – Espaço e Tempo** (Online), v. 21, n. 1, p. 102-119, abril. 2017.

BUTTNER, A. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, A. **Perspectivas da geografia**. São Paulo: Difel, 1985. p. 165-193.

CASTELLS, M. **A sociedade em redes**. São Paulo: Ática, 1999.

COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (orgs.) **Geografia Cultural: uma antologia**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2012. v. 1. p. 219-238.

MELLO, J. B. F. **Dos espaços da escuridão aos lugares de extrema luminosidade**: o universo da Estrela Marlene como palco e documento para a construção de conceitos geográficos. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

\_\_\_\_\_. A Humanística Perspectiva do Espaço e do Lugar. **Revista ACTA Geográfica**, ano 5, n. 9, jan./jun. de 2011.

\_\_\_\_\_. O triunfo do lugar sobre o espaço. In: MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W; OLIVEIRA, L. de. (orgs.). **Qual o espaço do lugar?:** geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2012. p. 33-68.

OLIVEIRA, L. de. O sentido do lugar. In: MARANDOLA JR, E; HOLZER, W; OLIVEIRA, L. de. (orgs.). **Qual o espaço do lugar?:** geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2012. p. 3-16.

RELPH, E. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência do lugar. In: MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. de. (orgs.). **Qual o espaço do lugar?:** geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2012. p. 17-32.

TUAN, Y. **Paisagens do medo**. São Paulo: Unesp, 2005.

\_\_\_\_\_. Espaço, Tempo e Lugar: um Arcabouço Humanista. **Revista Geograficidade**, v.1, n.1, jun./ set. 2011.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZE A REFERÊNCIA A SEGUIR:

SOUZA, Larissa Lima de. Reflexões fenomenológicas em tempos de coronavírus: entre espaços, lugares e “paisagens do medo”. In: **Revista Ensaio de Geografia**, Niterói, vol. 5, n° 9, p. 94-99, maio de 2020

Submissão em: 30/04/2020. Aceito em: 23/05/2020

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ – Brasil



\_\_\_\_\_. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina: Eduel, 2012.

\_\_\_\_\_. Space and Place 2013. **Revista Geograficidade**, v. 4, n. 1, jan./mar. 2014.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZE A REFERÊNCIA A SEGUIR:

SOUZA, Larissa Lima de. Reflexões fenomenológicas em tempos de coronavírus: entre espaços, lugares e “paisagens do medo”. In: **Revista Ensaio de Geografia**, Niterói, vol. 5, n° 9, p. 94-99, maio de 2020

Submissão em: 30/04/2020. Aceito em: 23/05/2020

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ – Brasil